

PSICOLOGIA E ELITISMO: CONSIDERAÇÕES SOBRE A HISTÓRIA DA PSICOLOGIA NO BRASIL

Daisy Aparecida Chaves da Silva¹, Franciele Vitória
Caciano², Letícia Starlino Dias³, Renato Teixeira Bressan⁴,
Andréa Olímpio de Oliveira⁵

Resumo: Este artigo pretende fazer uma breve descrição das relações existentes entre psicologia e elitismo, levando em conta a história da psicologia no Brasil. “Elitismo” é entendido como domínio e poder que favorece uma elite e, consequentemente, tende a produzir discriminação (social, cultural, econômica etc.). A principal pergunta que direciona este trabalho é: “a psicologia, no contexto brasileiro, se mantém como profissão elitista?”. O método de pesquisa utilizado foi a revisão de literatura, realizada tendo como base trabalhos encontrados gratuitamente em portais acadêmicos online que incluem a área da Psicologia. A partir da ideia de que a Psicologia, enquanto profissão e campo do saber, emergiu no Brasil a favor de uma postura elitista, foram exploradas algumas considerações sobre as consequências disso e o que os

¹Graduanda em Psicologia – UNIVIÇOSA. e-mail: daisysilva248@gmail.com

²Graduanda em Psicologia – UNIVIÇOSA. e-mail: franvitoriac@gmail.com

³Graduanda em Psicologia – UNIVIÇOSA. e-mail: leticiastarlinodias@gmail.com

⁴Graduando em Psicologia – UNIVIÇOSA. e-mail: retbressan@gmail.com

⁵Professora do curso de Psicologia – UNIVIÇOSA. e-mail: andreaolimpio@univicoso.com.br

profissionais e instituições da área têm feito em relação a esta situação na contemporaneidade.

Palavras-chave: Discriminação, pobreza, psicologia social

Abstract: *This paper intends to make a brief description of the existing relations between psychology and elitism, taking into account the history of psychology in Brazil. “Elitism” is understood as dominance and power that favors an elite and, consequently, tends to produce discrimination (social, cultural, economic etc.). The main question that guides this work is: “does psychology, in the Brazilian context, remain an elitist profession?”. The research method used was the literature review, based on works found for free on online academic portals that include the area of Psychology. Based on the idea that Psychology, as a profession and field of knowledge, emerged in Brazil in favor of an elitist posture, were explored some considerations about the consequences of this and what professionals and institutions in the area have done in relation to this situation in contemporary times.*

Keywords: *Discrimination, poverty, social psychology*

INTRODUÇÃO

Como apontado no livro *Psicologias* (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2018), o campo “Psi” é amplo, há várias psicologias, com vários métodos e abordagens. Enquanto profissão e campo do saber, a Psicologia é dinâmica, está sempre em transformação. Regulamentada enquanto profissão pela Lei nº 4.119 de 1962, a Psicologia foi apropriada por uma elite que viu nesta área uma oportunidade para a implantação de um projeto de modernização e desenvolvimento, a fim de suprir uma necessidade social. Portanto, desde a sua fundação no país a Psicologia é elitista.

Conforme define o dicionário Michaelis (2022), elitismo pode ser visto como domínio e poder que favorece uma elite, que defende os valores e direitos desta elite e produz certa discriminação (social, cultural e econômica, por exemplo). Nesse contexto, a questão de base deste trabalho é: a Psicologia, no contexto brasileiro, se mantém como profissão elitista? Dessa forma, o objetivo deste artigo é fazer uma breve pesquisa de revisão de literatura a fim de mapear as relações entre elitismo e psicologia no Brasil e trazer algumas considerações acerca desta temática.

MATERIAL E MÉTODOS

A produção deste artigo teve como metodologia a revisão de literatura. Foram acessadas as plataformas Scielo e Psyc.

As buscas por descritores aconteceram de maneira isolada e combinada. Não filtramos por ano de publicação. Utilizamos as seguintes palavras-chave: “psicologia”, “elitismo”, “pobreza” e “psicologia social”. Seleccionamos 8 (oito) trabalhos, uma dissertação de mestrado e sete artigos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No artigo “O psicólogo e sua ideologia”, Antônio Gil tem como hipótese a ideia de que o psicólogo ajuda a reforçar o poder da classe dominante. O autor aponta que a área clínica “vem sendo a preferida pelos psicólogos, desde a regulamentação da profissão: possivelmente pelo fato de ser a que mais possibilita a realização profissional, em termos de autonomia, ou ainda por evocar similaridade com a profissão do médico — símbolo de profissão liberal socialmente prestigiada” (GIL, 1985, p.14). Gil também situa o problema do elitismo da profissão: “(...) porque sendo a aspiração da maioria dos psicólogos a prática da psicoterapia em consultório particular, sua atuação tende a restringir-se às camadas economicamente mais favorecidas” (ibidem, p.15). Por outro lado, como afirma o pesquisador, a atuação do psicólogo na área clínica, tornada a mais nobre opção para a categoria, não representa também uma opção satisfatória. Ao concorrer com o psiquiatra, o psicólogo tem encontrado ambas dificuldades para se firmar profissionalmente. Embora possa trazer maior satisfação que outras áreas, a clínica não vem possibilitando nem os rendimentos nem a estabilidade desejada para o psicólogo que nela atua. Além do mais, o

trabalho clínico do psicólogo não apresenta grande significado social, sendo frequentemente visto como “atividade de luxo”, afirma Gil (ibidem, p.17).

O texto “O psicólogo brasileiro: sua atuação e formação profissional”, de Antônio Bastos e Paula Gomide, discorre sobre os psicólogos e a psicologia no Brasil. Eles mostram que a distribuição desses profissionais no país é bastante desigual, uma vez que estes se concentram no Sudeste (são quase 75%) e ainda se aglomeram nas capitais dos estados. Segundo o IBGE (2022), localidades situadas no Sudeste e Centro-Sul possuem maior desenvolvimento econômico, pois são responsáveis pela maior parte do Produto Interno Bruto (PIB) nacional (cerca de 75% do PIB brasileiro). O artigo também cita que a região Nordeste oferta aos psicólogos a remuneração mais baixa, considerando o salário de outras categorias profissionais.

Em “A psicologia em projetos sociais de educação e trabalho”, Karen Eidelwein propõe uma reflexão sobre o trabalho da psicologia em projetos sociais de educação e trabalho a fim de promover a saúde mental. A autora busca pensar qual é o papel do psicólogo neste espaço e aborda a importância de formar o estudante de graduação para o trabalho interdisciplinar, considerando esse campo de atuação e inserção profissional. Segundo ela, as mudanças significativas no pensamento psicológico a partir dos últimos 30 anos, decorrente de mudanças sociais e com elas dos trabalhos em psicologia social-comunitária, vêm ampliando o espaço de trabalho do psicólogo para além da clínica individual,

principalmente no que diz respeito à atenção à população que sofre pela falta de recursos econômicos e de tantos outros recursos. Porém, a formação do profissional para atuar nestes espaços fica aquém da velocidade com que um grande número de demandas psicossociais vá sendo gerada (EIDELWEIN, 2005, p. 65).

Confirmando algumas ideias de Eidelwein, em “Psicologia e pobreza no Brasil: produção de conhecimento e atuação do psicólogo”, Candida Dantas, Isabel de Oliveira e Oswaldo Yamamoto esclarecem que em meados dos anos 1980 começa-se a repensar os rumos das áreas exploradas pela psicologia. Assim, passam a ser buscados novos campos de atuação como, por exemplo, o de bem-estar social. Nesse campo, o setor público é dominante e conseqüentemente há uma população pobre que até então não se encaixava nos conhecimentos psicológicos produzidos até o momento. Por isso, foi necessário adequar teorias e técnicas que atendessem a essa nova realidade. Dessa forma, segundo os autores, nota-se que a pobreza não é posta, pela psicologia, como tema central e são apenas estudadas formas de minimizar seus efeitos de maneira paliativa e pontual.

Fábio Dantas, na dissertação de mestrado intitulada “A formação em psicologia no contexto da democratização do ensino superior”, afirma como o elitismo é marcante na história da sociedade e, nessa esteira, no Ensino Superior, a Psicologia, como ciência e profissão, também foi atravessada e caracterizada como uma formação elitizada. Em sua pesquisa,

Dantas defende que os cursos de Psicologia se distribuem geograficamente de forma heterogênea pelo Brasil e que o perfil dos estudantes evidencia mudanças concernentes a questões étnicas, ao número de alunos beneficiados por bolsas e financiamentos, além do predomínio do curso noturno. Isto, segundo ele, faz supor que o curso de Psicologia seja composto majoritariamente por estudantes-trabalhadores.

No trabalho “Psicologia e pobreza no Brasil: histórico, produção de conhecimento e problematizações possíveis”, Kíssila Mendes e Pedro Henrique da Costa observaram um aumento do envolvimento da Psicologia com a pobreza e demais expressões da “questão social”, atrelado com a maior vinculação da profissão com as políticas públicas e sociais. Para os autores, a criação de uma Psicologia compromissada com a compreensão e superação da pobreza, assim como do sistema que a forja e nela se sustenta, requer a identificação e libertação de sua própria pobreza (MENDES e COSTA, 2018, p.1118).

Renato Ramos e Antônio Euzébios Filho, no artigo “A problemática da pobreza nos acolhimentos realizados nos serviços de acolhimento institucional para crianças e adolescentes e os desafios para a atuação do psicólogo”, descobriram que enquanto alguns dados confirmam que a pobreza contribui para variados motivos de acolhimento institucional, entre eles, a negligência familiar, outros atestam que a pobreza não é considerada de maneira significativa, principalmente nos casos de negligência e abandono. Por isso,

responsabiliza exclusivamente as famílias ao mesmo tempo em que atenua a função do Estado na produção da pobreza. Dessa forma, esse cenário traz desafios para o trabalho do psicólogo e reforça a importância de uma atuação implicada com aspectos sociais e políticos (RAMOS e FILHO, 2019, p.759).

Por fim, em “A atuação da psicologia em contextos de pobreza: algumas contribuições de Martin-Baró”, Clarice Ferreira e Marilda Facci destacam o olhar do pensador e psicólogo espanhol Ignacio Martín-Baró (1942-1989), o qual, segundo as autoras, afirma que existe uma escravidão da Psicologia na América Latina, por conta de duas características principais: o mimetismo científico e a ausência de uma epistemologia adequada ao contexto da América Latina (FERREIRA e FACCI, 2020, p.70).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Psicologia, enquanto profissão e área do conhecimento no Brasil, emergiu em um contexto que privilegia uma elite financeira, branca, masculina, que mora em regiões ricas, como uma espécie de extensão de uma profissão de prestígio no país (no caso, a medicina) e tenta até hoje manter certo status de superioridade e exclusividade através de uma prática clínica voltada para pessoas privilegiadas (isso em vários níveis: financeiro, social, étnico etc.).

Por outro lado, ainda que com muita resistência, o olhar

dos psicólogos está cada vez mais voltado para um acolhimento social de pessoas com baixa renda e parece que o status elitista da Psicologia não se aplica à maioria dos profissionais do país, os quais lutam para manter alguma estabilidade financeira e conseguir reconhecimento, muitas vezes exercendo atividades paralelas como lecionar ou trabalhar em outras profissões, num contexto em que cada vez mais psicólogos são formados por ano no Brasil e em que há uma necessidade ainda mais urgente de acolher e acompanhar pessoas menos favorecidas.

Por isso, é necessário que políticas públicas mais inclusivas e eficazes sejam desenvolvidas para que o profissional da área da Psicologia seja reconhecido, possua uma vida digna, uma formação mais qualificada e, assim, tenha condições de ajudar as pessoas que precisam de atendimento, nas mais variadas áreas de atuação, independentemente de gênero, etnia, poder aquisitivo, localização geográfica ou outra característica específica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BASTOS, A. V. B.; GOMIDE, P. I. C. O psicólogo brasileiro: sua atuação e formação profissional. In: **Psicologia, Ciência e Profissão**, 1989.

BOCK, A. M. B.; FURTADO, O.; TEIXEIRA, M.L.T. **Psicologias: uma introdução ao estudo da psicologia**. 15.ed. São Paulo: Saraiva Educação, 2018.

DANTAS, C. M. B.; Oliveira, I. F.; Yamamoto, O. H. Psicologia e pobreza no Brasil: produção de conhecimento e atuação do psicólogo. In: **Psicologia & Sociedade**; 22 (1): 104-111, 2010.

DANTAS, F. H. A. **A formação em psicologia no contexto da democratização do ensino superior**. Dissertação de mestrado. UFRN. Natal, 2017.

EIDELWEIN, K. A psicologia em projetos sociais de educação e trabalho. In: **Psicologia & Sociedade**, 17 (3), 62-66, set/dez: 2005.

FERREIRA, C. R. C.; FACCI, M. G. D. A atuação da psicologia em contextos de pobreza: algumas contribuições de Martin-Baró. In: **Revista Psicologia para America Latina**, n. 33, p. 67-77, julho, 2020.

GIL, Antônio C. O psicólogo e sua ideologia. In: **Psicologia, Ciência e Profissão**, 1985.

IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Produto Interno Bruto – PIB**. Acesso em 28 mai. 2022. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/explica/pib.php>

MENDES, K. T.; COSTA, P. H. A. Psicologia e pobreza no Brasil: histórico, produção de conhecimento e problematizações possíveis. In: **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 4, p. 1118-1136, 2018.

MICHAELIS: **Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa**. Acesso em 22 mai. 2022. Disponível em: <https://>

michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro

RAMOS, R.; FILHO, A. E. A problemática da pobreza nos acolhimentos realizados nos serviços de acolhimento institucional para crianças e adolescentes e os desafios para a atuação do psicólogo. In: **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 25, n. 2, p. 759-773, ago. 2019.